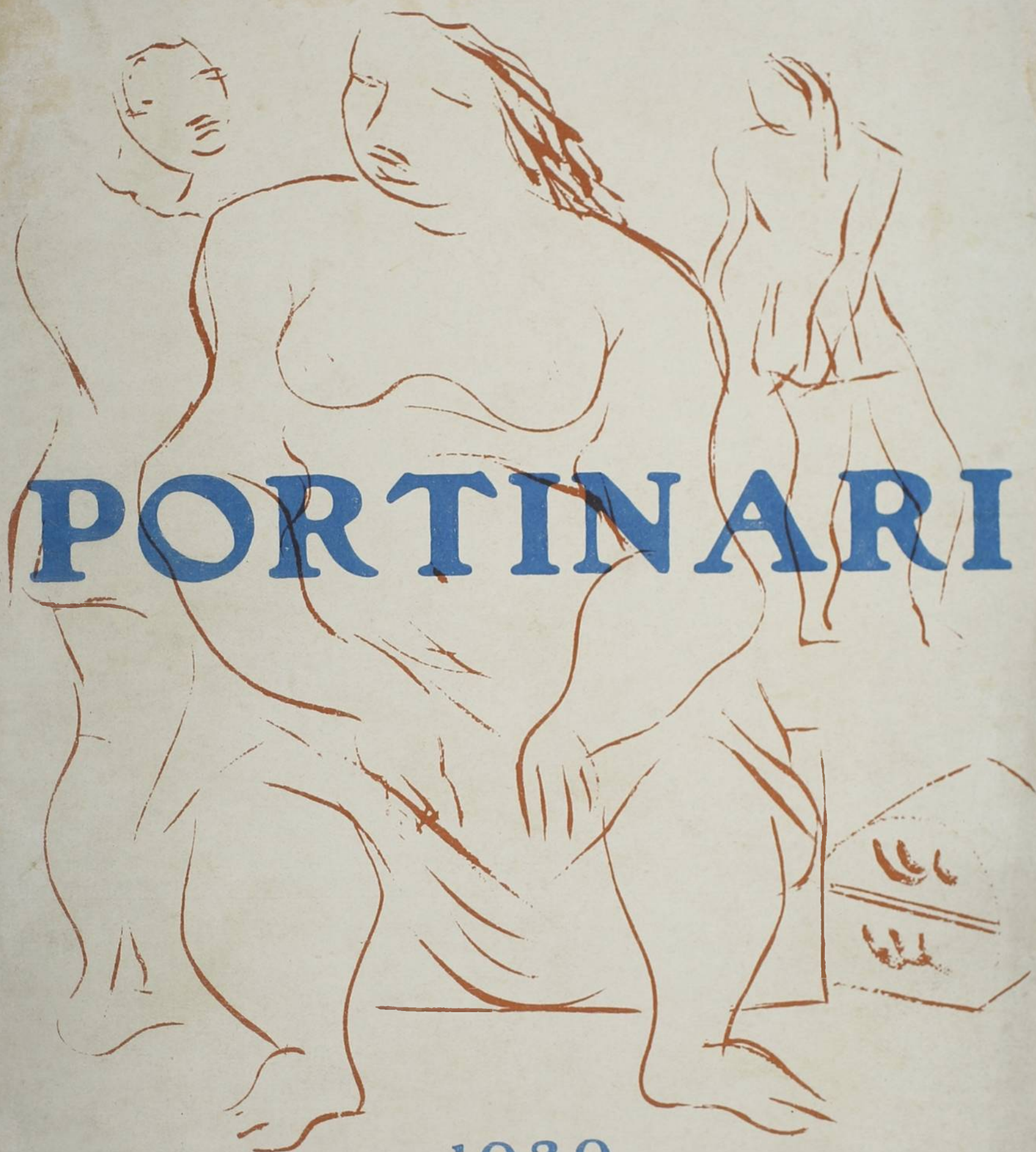
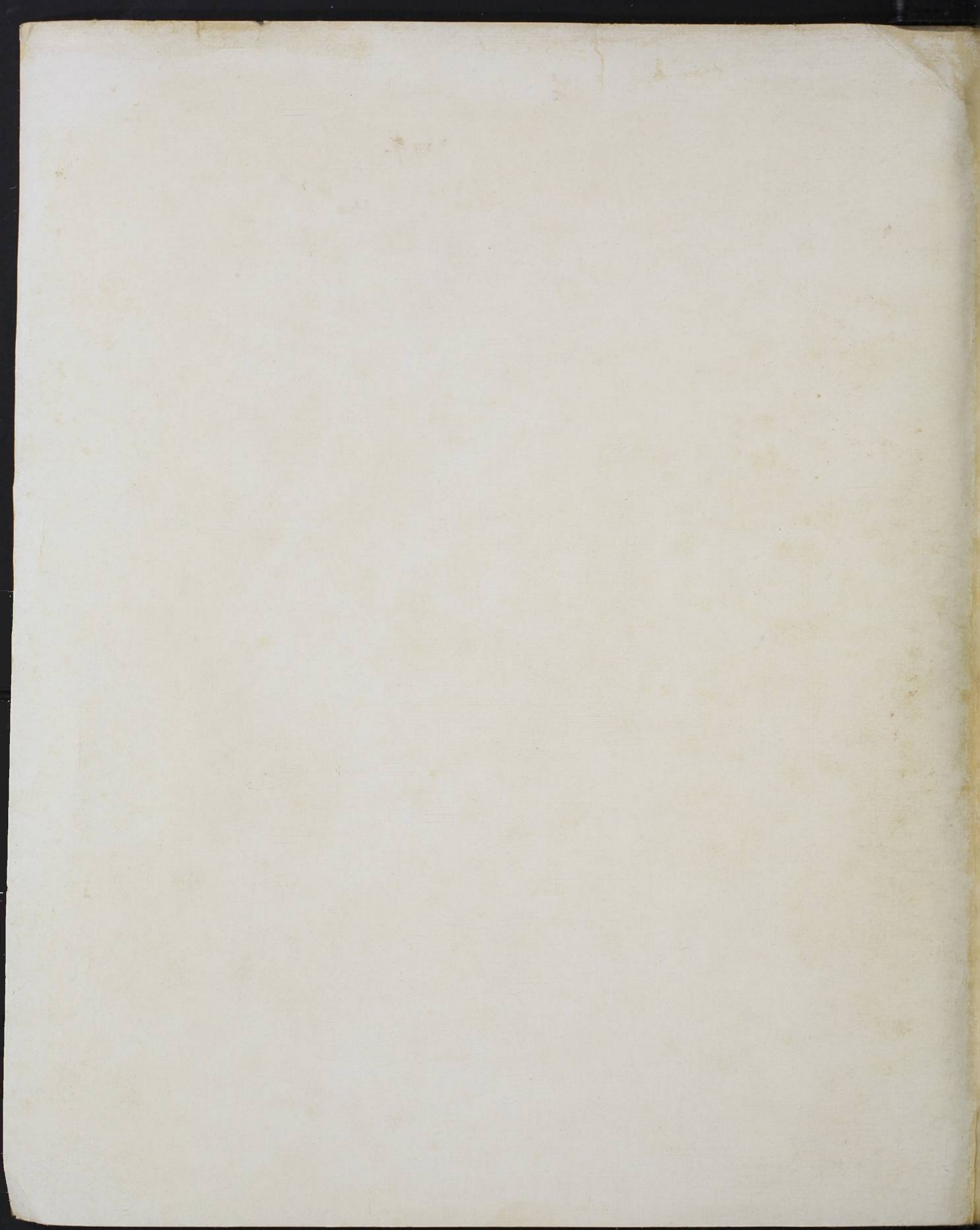


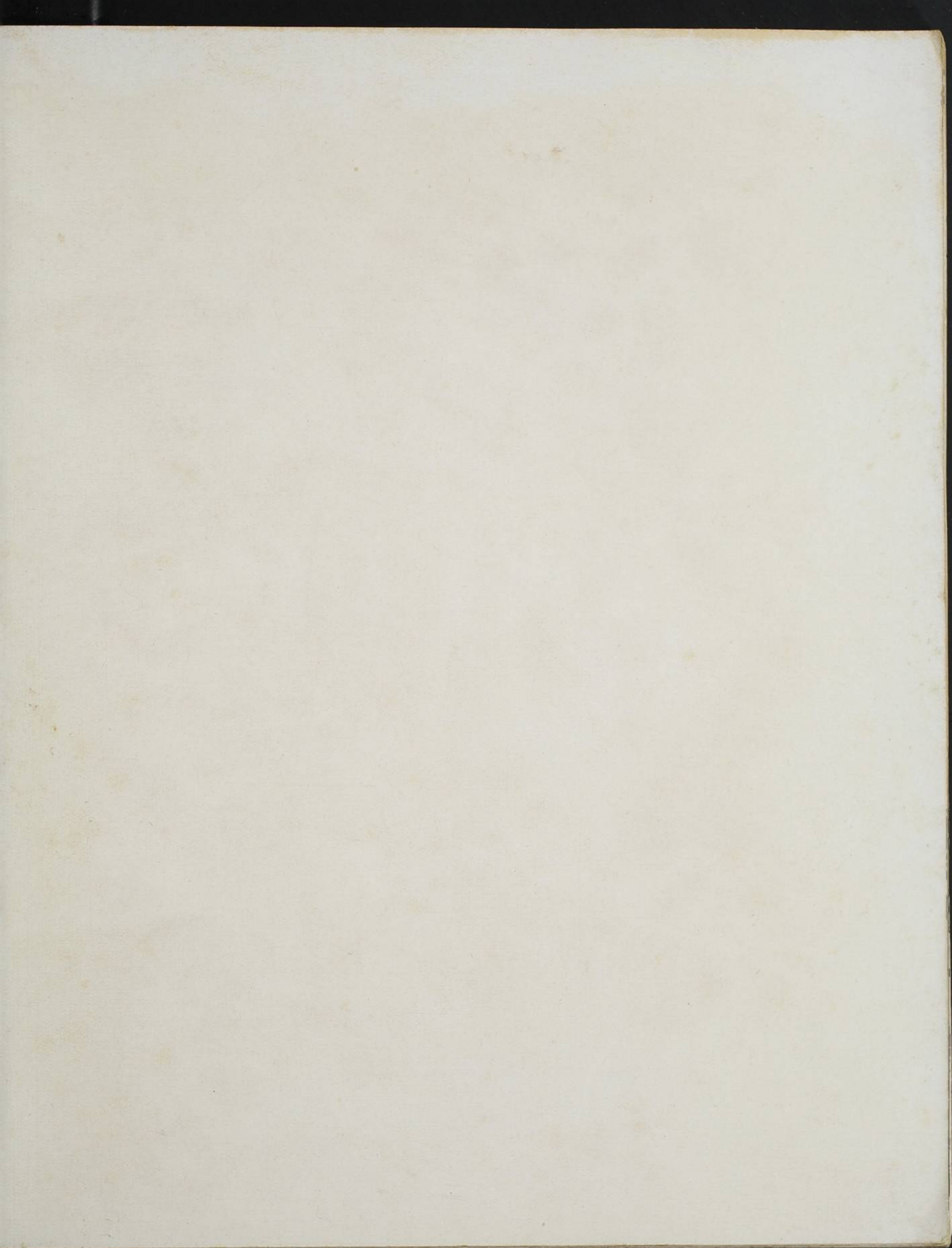
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



PORTINARI

1939





PORTINARI

"Le métier! comme si on pouvait le séparer, dans toute espèce d'art, de la partie intellectuelle! Comme si, pour arriver à l'esprit, on pouvait se passer de l'habileté de l'exécution!"

Eugène Delacroix

João Batista Portinari, natural de Florença, veio para o Brasil aos treze anos de idade, internando-se como colono na zona de fazendas de café que tem hoje por centro a cidade de Brodowski, Estado de São Paulo. Em 1899 casou-se com a filha de outro colono, Dominga Torquato, natural de Vicência e vinda para o Brasil aos cinco ou seis anos. O casal teve doze filhos. Cândido Portinari é o segundo e nasceu em 1903 na fazenda Santa Rosa. Em Brodowski frequentou a escola primária, única instrução regular que recebeu, empinou papagaios, armou arapucas aos passarinhos, jogou "foot-ball"... Não conseguiu crescer muito, mas ganhou músculos. Numa partida de "foot-ball" destroncou a coxa direita, jamais consertada, acidente que talvez explique o seu teimoso sedentarismo, fecundo para a pintura, mas inquietante para a saúde. Aquele menino coxo, lourinho e de olhos azues, grande rabiscador de paredes e de papeis, sentiu os primeiros apelos da vocação quando passou por

Brodowski um pintor a quem confiaram a decoração da matriz local. De mirone do artista, passou a ajudante e começou pela primeira vez a mexer com os pinceis. Em 1918 vem sozinho para o Rio e inicia uma vida de duro aprendizado e necessidades materiais. Inscreveu-se no concurso para entrar na classe de modelo vivo da Escola de Belas Artes, mas foi reprovado. Esteve na classe de desenho figurado até 1921, recebendo sempre carinhoso estímulo de Lucílio de Albuquerque. Naquele ano fez concurso para a aula de pintura e, aprovado, escolheu como mestre o professor Amoedo. No ano seguinte pediu transferência para a classe do professor Batista da Costa. Em 22 estréia no Salão com um retrato, que passou despercebido. Em 23 obtém a medalha de bronze com o retrato do escultor Mazzuchelli, e mais o prêmio de animação de 500\$000 e o prêmio da Galeria Jorge. Já no ano seguinte o juri do Salão aceita alguns retratos, mas recusa o quadro *Baile na roça*. Em 25 expõe dois retratos e consegue a pequena medalha de prata, em 27 a grande medalha de prata. Estavam galgadas as etapas indispensáveis para chegar ao prêmio de viagem à Europa, que conquista em 28 com o retrato de Olegário Mariano. O artista parte e visita a França, a Itália, a Inglaterra e a Espanha. Pouco trabalhou no estrangeiro :

todo o tempo era pouco para ver, observar, refletir, discutir. Foi de regresso ao Brasil que Portinari começou a aprender por si, a construir a sua técnica, fruto de um trabalho pertinaz de todos os momentos, porque quando não está de pincel na mão, está meditando no que já fez ou no que vai fazer. Amor tão absorvente da sua arte, que muitas noites o artista rola insone na cama, ansioso por que desponte a luz do dia para poder pintar. Em 35 a sua arte obtem valiosa consagração no estrangeiro, levantando com o seu quadro "Café" a segunda menção honrosa na Exposição de Arte Moderna do Instituto Carnegie. No ano seguinte executa a sua primeira pintura mural, decorando os muros do Monumento Rodoviário erguido na estrada Rio - São Paulo, e é nomeado professor de pintura mural e de cavalete na Universidade do Distrito Federal. Atualmente trabalha no acabamento de sua obra mais importante — os afrescos do novo edifício do Ministério da Educação e Saude. Tal é em resumo a vida de Cândido Portinari, exemplo admiravel para todos os artistas, grande pintor, que é hoje um motivo de orgulho para os seus amigos e um dia o será para todo brasileiro.

MANUEL BANDEIRA

CÂNDIDO PORTINARI

Dentro da vasta obra, tão variada na aparência, do pintor brasileiro Cândido Portinari, há uma íntima e profunda unidade. Esta unidade pode-se resumir numa palavra : plástica.

Em princípio, uma afirmação destas parece redundância inexpressiva, pois toda obra de pintura tem de ser necessariamente plástica. Mas em verdade não é isto que se dá ; em períodos inquietos de pesquisa como o que atravessamos, assim como nas fases de academização ou preciosismo requintado, não são pouco numerosos os artistas e as doutrinas que fogem desse princípio primeiro das artes, que é realizar a sua própria natureza.

Predisposto para a pintura, Cândido Portinari vem realizando o seu destino de pintor com um entusiasmo que o honra sobremaneira. Dele já se disse que respira, come

e dorme pintura, e é certo que a sua vida é um modelo do artista integralmente dedicado à sua arte e que só ela busca, através de todas as omissões, glórias e monotonias da vida.

Nessa paixão pela pintura, com uma curiosidade insaciável e uma inquietação que jamais desfalece, nem dorme sobre as verdades adquiridas, Cândido Portinari se aplicou a desvendar quaisquer segredos do problema plástico. Desta sua ambição generosa, que o converte num eterno aprendiz, se originam as duas características dominantes da sua personalidade : a enorme riqueza técnica e a variedade expressional.

Cândido Portinari é um infatigável experimentador. Não é preciso lhe conhecer a vida, basta seguir-lhe a obra em seus diversos estádios e manifestações transitórias para verificar que esse experimentalismo ansioso de verdades, é o mais significativo traço psicológico do artista. Na técnica, tudo ele tem experimentado, todos os processos de pintar, não só já no sentido superior da técnica, como no próprio artesanato. Artista somado a artesão, os mistérios de preparação da tela, de variar a natureza das tintas, da análise das areias com que irá construir os seus afrescos lhe são tão familiares como a lei do corte de ouro, a repartição dos claros e das sombras em Rubens, as cadências de cor em Cé-

zanne ou as doutrinas estéticas do Abstracionismo contemporâneo.

Mas a Cândido Portinari não lhe basta saber de leitura ou conversas de atelier, tais tradições e tais princípios, senão que os tem de exercer por si mesmo e lhes viver a experiência. E assim, de experiência em experiência, tanto no artesanato como na técnica expressiva, tanto no preparo de uma tinta especial como de um processo que lhe dê maior fulgor aos brancos ou maior profundidade aos tons, Cândido Portinari aprendeu, descobriu, redescobriu uma quantidade enorme de segredos técnicos que lhe dão à fatura uma riqueza prodigiosa. Tal requinte poderia ser muito perigoso se se exercesse por si mesmo, porém Cândido Portinari banha a sua cultura de pintor de uma instintiva humanidade, que não lhe permite perder-se no esteril de qualquer virtuosidade gratuita ou diletantismo. E é de se observar que a cada nova experiência técnica e a cada nova fase que lhe nasce oriunda de novos problemas estéticos a resolver, logo ele ajunta um sentido possante, uma lógica viril de criação, um significativo poético muito intenso, que lhe derivam da sua vibrante compreensão humana da vida. Principalmente do seu nacionalismo.

Já se tem dito de Cândido Portinari ser ele sensível à influência de outros pintores e escolas. Há que distinguir, porém. Na verdade Cândido Portinari jamais imita e sequer se apoia num exclusivo exemplo alheio para criar. Tanto isto é certo que não é possível determinar, na multiplicidade de soluções estéticas diversas que a sua obra apresenta, qualquer influência alheia que seja fundamental e permanente.

Mas como se disse atrás, a pesquisa tanto estética como técnica apaixona o pintor brasileiro, é o significado mesmo da sua obra, como caracterização da personalidade criadora. De forma que diante de qualquer solução alheia, mesmo das que instintivamente lhe desagradam, Cândido Portinari é irresistivelmente levado a repensar essa experiência e a refazê-la por si mesmo. Para ele não tem o menor interesse a originalidade só pelo gosto de ser original. Antes, o inquieta sempre qualquer lição alheia, porque pode sempre haver nela uma partícula que seja, da verdade. E então Cândido Portinari refaz a experiência pressentida, conformando-a aos elementos e caracteres que lhe são pessoais, à essencialidade plástica, ao tradicionalismo, ao realismo, ao lirismo, ao nacionalismo tão fortes da sua personalidade. E', como raríssimos, o ambicioso de acertar, o insaciável da

verdade plástica, o orgulhoso da sua arte. E esta ambição mesma, este anseio e este orgulho é que lhe isentam a obra de qualquer leviandade, de qualquer “traição”, de qualquer academização, e fazem dele o humilde por excelência — buscador inquieto e constante, através de escolas, épocas e artistas, daquelas partículas de verdade que se despargem no mar da criação humana.

Importa é verificar que esse experimentalismo está esplendidamente fortalecido no pintor brasileiro, de um conhecimento do antigo e de uma base realística, de um “bom-senso” absolutamente excepcionais.

Basta examinar os seus retratos, certos quadros de assunto, como o “Futebol”, o “Circo”, o “Morro”, e ainda os seus desenhos, para verificar com que saber técnico tradicional Cândido Portinari levanta os vãos da sua imaginação criadora.

Os desenhos, principalmente certos nus de mulher e a série de estudos para os afrescos do Ministério da Educação, demonstram os seus conhecimentos do corpo humano e da sua interpretação desenhística. Obras magníficas em que a vivacidade, a sensibilidade, a delicadeza ou força do traço nunca se desmentem, a relação bicolor se distribue, os entretos se graduam com uma fineza seguríssima, ao mes-

mo tempo que o vigor, a intensidade humana das figuras liberta a criação de qualquer academismo, de qualquer frieza escolástica.

Nos retratos o conhecimento do antigo se demonstra ainda mais. E' mesmo possivel evocar, a respeito de certos retratos de Cândido Portinari, as finezas ardentes de tons de um Velasquez ; e tambem aquele realismo, aquela exatidão plástica que nos dá tamanho sentimento de beleza e semelhança, diante de um Van Eyck, de um Holbein. A perfeição de certos acabamentos, a intensidade dos tons, certas delicadezas quase imateriais de pincelada, a concentração luminosa, a riqueza de cambiantes dentro dum só tom, a ausência de qualquer volúpia mais decorativa, o aporpositado cauteloso da interpretação psicológica, o carater físico dos indivíduos, aos mesmo tempo que são mais um desmentido formal a essa afirmativa de que a fotografia veio desautorizar o destino representativo do retrato a óleo, dão para essas obras de Cândido Portinari um timbre tradicional, um sangue antigo, um respeito e um silêncio extraordinários.

Realmente o pintor brasileiro, na solução mais normal dos seus retratos, parece corresponder a uma receita. Apenas este fato é mais uma lição de honestidade ; não obedece

àquela esperteza de repetição de truques de embelezamento, parecenças fotográficas, sensualidades originalíssimas de composição, de lançamento das figuras ou descorativismo embriagante, que deram erroneamente para certos pintores contemporâneos o título de “retratistas”. Pelo contrário : a receita de Cândido Portinari — se é que se poderá chamar de receita à sua concepção mais frequente do retrato — consiste naquele desprezo por qualquer fantasia pessoal excitante, naquele respeito à verdade secular, naquela obediência ao modelo, naquele artesanato repetidor renascentista que, evitando os palpites do autor, ao mesmo tempo que expõe a realidade do retratado e a eterniza (função mesma do gênero), reconduz o retrato à pintura, a um problema de cor, de luz, de volumes, primordialmente técnico. E assim os retratos de Cândido Portinari, sem fugirem nunca à finalidade social do retrato, permanecem manifestação essencialmente pictórica, não permitindo que jamais a pintura fuja de sua própria natureza.

Como artesão humilde, como um renascentista que não se envergonha falsamente de repetir uma solução justa, evitando os valores lotéricos do expressionismo e os perigosos palpites da interpretação fantasista, o pintor brasileiro políciou a sua concepção do retrato, lhe proibindo os jogos de

azar. Fixada a composição simples, focalizada a figura tanto pela sua relação áurea para com a superfície da tela como pela subalternidade expressiva dos fundos, resolvido o problema da parecença, o pintor está liberto do seu modelo e pode pintar livremente. O retrato é assim reconduzido a um exclusivo problema de plástica. E surgem esses acabamentos de uma delicadeza infinita, as carícias, as relações, os equilíbrios, as fantasias de cores, de tons, de esbatidos, de luzes tão múltiplos, tão infinitamente variados. Realmente Cândido Portinari nos reconduz à grande tradição renascentista do retrato.

E finalmente, nas composições como o “Café”, o “Futebol”, pelo realismo, pelo inesperado inventivo da composição, por certa asperidade sensual no tratamento das figuras, um tal ou qual miniaturismo produzindo junto à sugestividade do detalhe, certos agrupamentos prestigiosos de cores, Cândido Portinari se liga aos antigos, principalmente aos pintores holandeses de gênero, principalmente aos Breughel.

E este artista que reúne ao realismo mais respeitoso da figura, ao desenho mais sensivelmente descritivo, uma tão forte técnica renascentista, é o mesmo que irá experimentar as diversas soluções do Cubismo e seus derivados, irá

se auxiliar, na composição de muitos quadros, dos processos superrealistas de invenção, e tentará reunir á sua “diferença”, as diferenças de um Picasso, de um Braque, de um Rivera. De tal forma ele reúne a ciência antiga de pintura a uma personalidade experimentalista e antiacadêmica moderna, que de Cândido Portinari se poderá dizer que é o mais moderno dos antigos.

Alem da essencialidade plástica que unifica tão profundamente a criação pictórica do artista brasileiro, há que salientar ainda, como elemento unificador, o seu realismo. Parecerá talvez uma audácia irresponsavel falar em realismo unificador, diante de certas obras tão aparentemente afastadas da natureza... No entanto, nenhuma outra expressão há que a substitua, desde que tenhamos em vista a realidade mesma da plástica. Para Cândido Portinari, a natureza jamais é senão uma fonte primeira de inspiração, uma sugestionadora de assuntos, uma reveladora de formas transitórias que ele irá converter num fenômeno de exclusiva plástica pictórica. Esta conversão é que, segundo a fase que o artista vive ou a experiência que tenta, ele realiza em vários graus de maior ou menor identidade naturalista.

Este primeiro realismo estético é aliás uma das mais importantes lições do pintor brasileiro. Conforme o gênero

de criação, trate ele o retrato, a natureza-morta, o quadro de assunto ou a pura composição livre à moderna, ele mais se aproxima ou se afasta mais do realismo visual. Mas este maior ou menor afastamento da natureza, essa maior ou menor deformação, é sempre de uma adequação temática muito exata. Jamais Cândido Portinari abandona a natureza. Ela é o ponto de partida de todas as suas obras, até das que mais se aproximam do "abstrato". Porém jamais, nem sequer nos seus retratos, Cândido Portinari... persegue a natureza e faz dela, por si mesma, a finalidade do seu quadro, antes, para ele, esta finalidade será sempre uma independente criação de forma. De forma plástica, evidentemente, pois que se trata de pintura. Enfim : ele parte sempre da natureza para encontrar sempre a forma.

A este seguro realismo estético, porém, reúne Cândido Portinari um outro realismo, que se poderia dizer psíquico. E disto deriva o estranho, o entranhado, o grave nacionalismo da sua obra toda.

Já com a vasta galeria de retratos de mulheres e artistas brasileiros, tão semelhantes, tão intensamente expressivos, ele exerce um posto de documentador. Especialmente para o conhecimento plástico da mulher brasileira contemporânea, Cândido Portinari tem servido como nenhum ou-

tro pintor nacional. A isto deverá se juntar essa outra impulsividade nacionalística que o leva a se servir incansavelmente, quase como processo de identificação, de pequenos elementos formais, tão nossos, tão da nossa intimidade, a purunga, o baú de lata colorida, a gangorra, o mastro de São João, etc.

De maior funcionalidade nacional são já os assuntos-sínteses, em que o pintor brasileiro se inspira. Aquí, sem ter a menor intenção de ser um cronista e reunir documentação iconográfica, pois o que ele pretende é primordialmente forma, o Brasil irrompe da obra de Cândido Portinari, demonstrando em que grau intenso o pintor se apaixona pela coisa nacional e dela participa.

Não é pela intenção de fazer nacionalismo que ele se aplicou aos seus temas favoritos, o café, o morro, brinquedos infantís, o São João, a jangada. Tais assuntos nascem apenas de uma constância imperiosa da sua personalidade ; e ele os deforma, os sintetiza, principalmente, sem a menor preocupação documental. Na "Jangada" ele comporá o quadro com mulheres imprevisíveis. Do "São João" fará uma composição diurna e esquecerá os balões. Na própria série dos grandes afrescos construídos para o novo Ministério da Educação, em que se propôs recensear as principais

indústrias brasileiras, se é sempre certo que para os estudos preliminares o pintor se documentou com perfeita paciência e uma minuciosidade robustamente naturalística nos desenhos, logo em seguida, completados os estudos, fixadas decisivamente as composições, e chegado o instante de criar o afresco definitivo, toda essa riqueza documental foi abandonada, partindo o artista exclusivamente em busca da sua forma.

E no entanto qualquer desses afrescos, de grande audácia sintética, solução absolutamente pessoal, pedra de uma arquitetura rija, lógica, mas ao mesmo tempo incomparavelmente veludosa e rutilante pelos acordes, variedade e raridade dos tons, todos esses afrescos respiram uma intimidade nacional profunda. Mas esta intimidade não deriva, nem derivará nunca no artista, de uma realização exteriormente escrava do assunto, mas de um substrato nacional, de uma potencialidade brasileira, de uma originalidade psíquica que torna essas obras impossíveis de qualquer comparação com o que já se fez no mundo. Neste sentido, criações como o “Café”, o “São João”, o “Mestiço” da Pinacoteca de São Paulo, os afrescos do Ministério, os painéis para a Feira Internacional de Nova York, para só citar algumas obras principais, sobre serem criações de uma admirável beleza,

representam obra única, sem par, como solução nacional de pintura.

Mas é que nas suas sínteses temáticas, nos seres com que as compõe, nos atos em que as descreve, Cândido Portinari não se dispersa na criação do típico. A festa de São João não será mais típica da originalidade brasileira que o Carnaval e o baile do Congado, nem umas lavadeiras mais necessariamente festivas que o balão e o "fogo do ar". A jangada não será por certo mais genericamente brasileira que o carro-de-boi, nem mesmo mais regionalmente nordestina que a roupa de couro do vaqueiro. Mesmo ainda na criação dos nossos tipos étnicos, os seus mameucos, os seus mestiços, os seus negros e mulatos, os seus brancos, os seus caipiras e gauchos, não têm a menor particularização do retrato característico, não buscam as originalidades e nem mesmo as diferenciações dos tipos. Em vez de tipos, em vez do típico, tanto nos assuntos, como nos seres e elementos com que os compõe, Cândido Portinari tende ao protótipo. Tende à criação de entidades sensíveis, cuja essência, cuja fatalidade é brasileira, cujo potencial é brasileiro, sem que o seja imediatamente, e muito menos necessariamente, o seu realismo primeiro exterior.

Neste sentido, a obra com assunto de Cândido Portinari é para todos os artistas brasileiros uma lição admirável do destino “poético” da arte. Quero dizer : sendo toda ela uma pesquisa primordial de forma plástica e beleza desrelacionada, pela íntima adequação entre forma e fundo, pelo equilíbrio entre o sentimento e sua expressão, muito mais que um elemento de caráter descritivo e analítico, a obra de Cândido Portinari exerce uma função como de vaticínio. Na sua procura incessante de beleza plástica, ele mantém aquele valor antigo de definição profética de uma vida melhor, com que a arte nasceu dos primeiros ritos místicos, dos primeiros amores, dos primeiros sofrimentos do homem sobre a terra.

E essa vaticinidade, essa qualidade poética de Cândido Portinari — “poética”, não no sentido sentimental em que costumamos dizer de uma paisagem ou dum pianista que “teem muita poesia”, mas no sentido de profecia definidora de aspectos da vida ou do ser — essa qualidade poética de Cândido Portinari é tão irreprimível nele, que mesmo nas realizações da sua fase atual, aparentemente de exclusiva pesquisa plástica, em cada vereda estética que o artista penetra e em que ele se despenha nas combinações de cores, volumes, ritmos, composições mais audazes, com fúria ba-

cântica despedaçando. devorando leis, regras, tradições na volúpia de plasmar apaixonadamente a Cor, Cândido Portinari se vê reconduzido sempre ao rincão pátrio. E uma primeira liberdade logo se transporta aos poucos para uns motivos com que o pintor retorna à sua necessidade nacional. Se é certo que ele parte da natureza para encontrar a forma, não é menos certo que em cada forma achada ele encontra o Brasil.

Uma exposição de Cândido Portinari que apresente documentação profusa, como esta, de todas as suas maneiras pessoais, pesquisas feitas e fases representativas, tem um enorme sentido educacional. Cândido Portinari, quer se lhe admire quer não a obra completa, é sobremaneira respeitável. As suas qualidades pessoais de pintor, o entusiasmo infalível com que pôs toda a sua vida ao serviço da sua pintura, a honestidade irrecusável com que se aplicou sem descanso nem jamais se dando por satisfeito, a desenvolver a sua técnica, o elevadíssimo grau desta técnica, a humildade com que experimenta e ama a verdade : já por si, todas estas características da sua figura de artista fazem dele um alto valor moral, exemplar para os moços que desejem tentar o exercício das artes.

E também Cândido Portinari é um exemplo de vitória, uma prova otimista da vida. Hoje ele desfruta de uma

consideração internacional muito grande, adquirida exclusivamente pelo seu valor próprio. E' dos vitoriosos que deveremos tirar a concepção de vida que nos guie. Não dos falsos vitoriosos, dos que conseguem uma possível notoriedade à custa de concessões morais e culturais ao gosto ignaro, ou dos que se impõem ao cochicho público pela teatralidade de seus gritos e escândalos, mas dos que conseguem vencer pela constância do trabalho, pela valorização de suas forças pessoais na cultura e pela fé na verdade. Cândido Portinari é exemplar desta vitória. E a dramática sinceridade com que não dorme sobre os louros já conquistados, não se repete no que já conseguiu o aplauso público, mas antes desconfia sempre e se lança em experiências novas, no desconforto das incompreensões, no perigo de perder seus admiradores e sua posição, a quaisquer facilidades vitais preferindo sempre a procura da sua verdade, é ainda vigoroso exemplo moral de otimismo. Dele não se dirá que sacrificou a arte humana em proveito da sua pessoa. E se a sua obra é pródiga de belezas, rica de forças poéticas, lição técnica e estética de vasta grandeza, Cândido Portinari ele mesmo, é exemplo moral excelente do verdadeiro destino do artista. Merecedor portanto, como raros, da consideração pública.

MÁRIO DE ANDRADE

LISTA DOS TRABALHOS

- 1 a 7 — Estudos em cores para o afresco "Pau Brasil" para o salão de audiências do Ministério da Educação
- 8 a 10 — Estudos em cores para o afresco "Cana" para o salão de audiências do Ministério da Educação
- 11 a 16 — Estudos em cores para o afresco "Gado" para o salão de audiências do Ministério da Educação
- 17 a 22 — Estudos em cores para o afresco "Garimpo" para o salão de audiências do Ministério da Educação
- 23 a 29 — Estudos em cores para o afresco "Fumo" para o salão de audiências do Ministério da Educação
- 30 a 32 — Estudos em cores para o afresco "Algodão" para o salão de audiências do Ministério da Educação
- 33 — Estudo em cores para o afresco "Mate" para o salão de audiências do Ministério da Educação
- 34 a 35 — Estudos em cores para o afresco "Café" para o salão de audiências do Ministério da Educação
- 36 a 39 — Estudos em cores para o afresco "Cacau" para o salão de audiências do Ministério da Educação

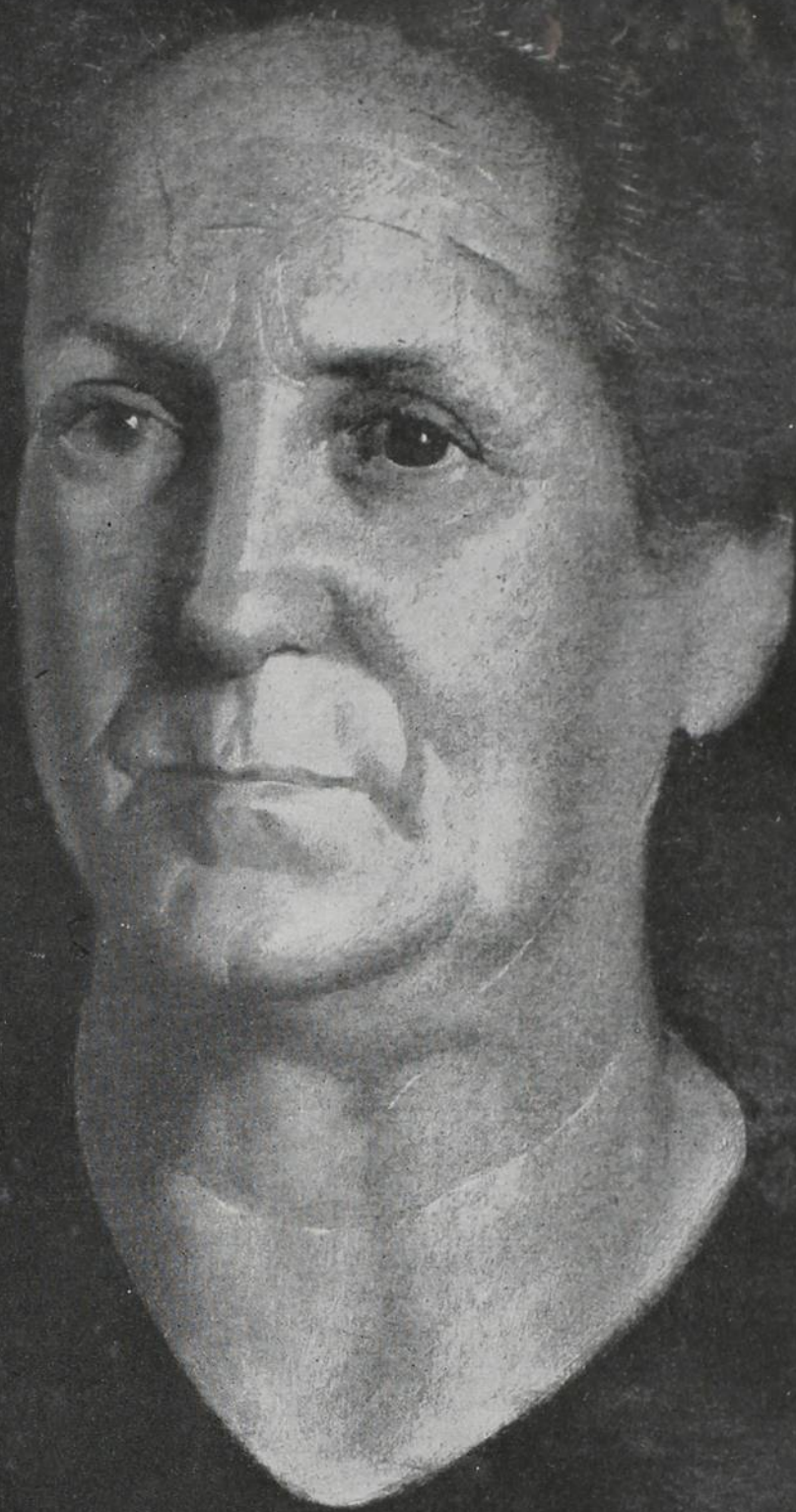
- 40 a 42 — Estudos em cores para o afresco "Ferro" para o salão de audiências do Ministério da Educação
- 43 a 45 — Estudos em cores para o afresco "Borracha" para o salão de audiências do Ministério da Educação
- 46 a 54 — Estudos em cores para o afresco "Primeira Escola" para o salão de conferências do Ministério da Educação
- 55 a 62 — Estudos em cores para o afresco "Escola de Canto" para o salão de conferências do Ministério da Educação
- 63 a 69 — Desenhos para o afresco "Pau Brasil" para o salão de audiências do Ministério da Educação
- 70 a 72 — Desenhos para o afresco "Cana" para o salão de audiências do Ministério da Educação
- 73 a 78 — Desenhos para o afresco "Gado" para o salão de audiências do Ministério da Educação
- 79 a 85 — Desenhos para o afresco "Garimpo" para o salão de audiências do Ministério da Educação
- 86 a 92 — Desenho para o afresco "Fumo" para o salão de audiências do Ministério da Educação
- 93 a 96 — Desenho para o afresco "Algodão" para o salão de audiências do Ministério da Educação
- 97 — Desenho para o afresco "Mate" para o salão de audiências do Ministério da Educação
- 98 a 99 — Desenhos para o afresco "Café" para o salão de audiências do Ministério da Educação

- 100 a 103 — Desenhos para o afresco "Cacau" para o salão de audiências do Ministério da Educação
- 104 a 106 — Desenhos para o afresco "Ferro" para o salão de audiências do Ministério da Educação
- 107 a 110 — Desenhos para o afresco "Borracha" para o salão de audiências do Ministério da Educação
- 111 a 120 — Desenhos para o afresco "Primeira Escola" para o salão de conferências do Ministério da Educação
- 121 a 128 — Desenhos para o afresco "Escola de Canto" para o salão de conferências do Ministério da Educação
- 129 — Estudo em tamanho natural para o afresco "Gado" para o salão de audiências do Ministério da Educação
- 130 — Desenho (detalhe), em tamanho natural, para o afresco "Escola de Canto", para o salão de conferências do Ministério da Educação
- 131 — Pintura a afresco (detalhe), em tamanho natural, para o afresco "Primeira Escola", para o salão de conferências do Ministério da Educação
- 132 — Menina com fita
- 133 — Menina segurando um menino (Têmpera) (Propriedade particular)
- 134 — Filho Pródigo
- 135 — Jangadas
- 136 — Mulheres descansando
- 137 — Morro

- 138 — Duas mulheres com uma corda
- 139 — Mulher correndo com uma criança e flores
- 140 — Mulher com um baú na cabeça
- 141 — Baiana com duas crianças
- 142 — Circo
- 143 — Enterro
- 144 — Três mulheres com moringa e baú
- 145 — Enterro no morro
- 146 — Roda
- 147 — Três mulheres correndo
- 148 — Mulher e menina (Têmpera)
- 149 — Homem da enxada
- 150 — Abstrato
- 151 — Carregando café (Têmpera)
- 152 — Futebol
- 153 — Abstrato
- 154 — Abstrato
- 155 — Duas mulheres
- 156 — Cabeça
- 157 — Bois (Propriedade de meu filho)
- 158 — Auto-retrato (Propriedade de meu filho)
- 159 — Retrato de Maria (Propriedade de meu filho)
- 160 — Figura e boizinho (Propriedade de meu filho)
- 161 — Preto (Propriedade do Sr. Carlos Drummond de
Andrade)
- 162 — São João

- 163 a 165 — Bichos na floresta (Propriedade do Dr. José Nabuco)
166 — Bichos (Propriedade do Dr. A. Barros de Carvalho)
167 — Colona (Propriedade de Mário de Andrade)
168 — Composição (Propriedade de Mário de Andrade)
169 — Senhora Gustavo Capanema
170 — Baronesa de Saavedra
171 — Senhora Josias Leão
172 — Senhora Adalgisa Neri (Têmpera)
173 — Senhora Prudente de Moraes Neto
174 — Senhora Carlos Chagas Filho
175 — Senhora Maria Barroso do Amaral
176 — Senhora Hélio Hermeto
177 — Senhorita Joanita Blank
178 — Senhorita Maria Julieta Drummond de Andrade
179 — Maria (Têmpera)
180 — Senhor Mário de Andrade
181 — Senhor Jorge de Lima
182 — Senhor Augusto Meyer
183 a 185 — Meu filho
186 — Senhor José Lins do Rego
187 — Meu irmão
188 — Senhor Osório Borba
189 — Meu pai
190 — Minha mãe
191 — Senhora Adalgisa Neri
192 — Casamento (Aquarela)

- 193 — José Bernardo Cardoso Júnior (Desenho)
- 194 — Minha irmã (Desenho)
- 195 — Meu sobrinho Candinho (Desenho)
- 196 — Meu sobrinho Rui (Desenho)
- 197 — Senhor Luiz Jardim.
- 198 a 217 — Composições (Monotipias)
- 218 a 224 — Estudos (Lito e Zincografia)
- 225 a 229 — Estudos (Desenhos)
- 230 a 259 — Composições a óleo
- 260 a 269 — Estudo para a decoração do Pavilhão Brasileiro, na Feira Internacional de Nova York.

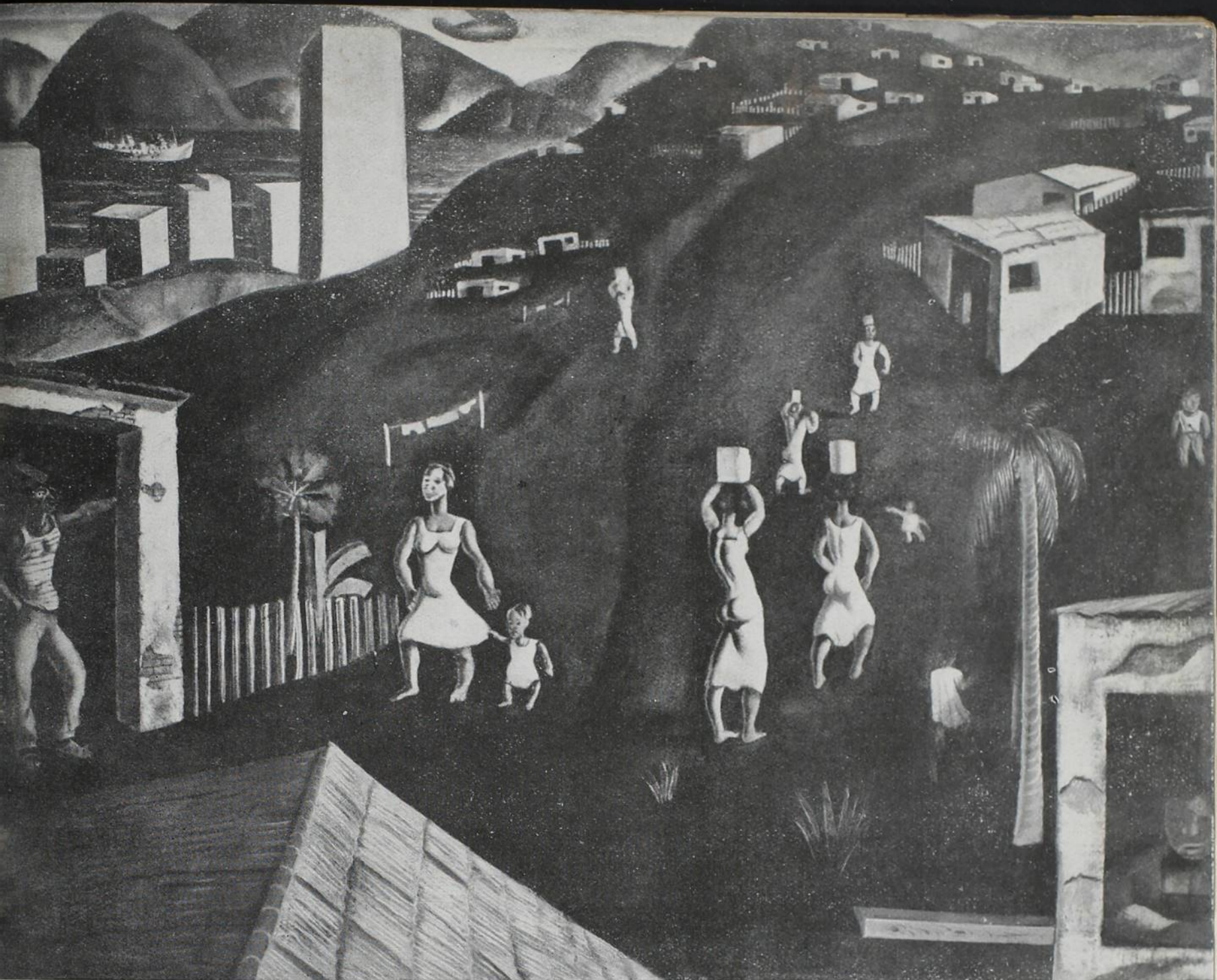


Retrato de minha mãe

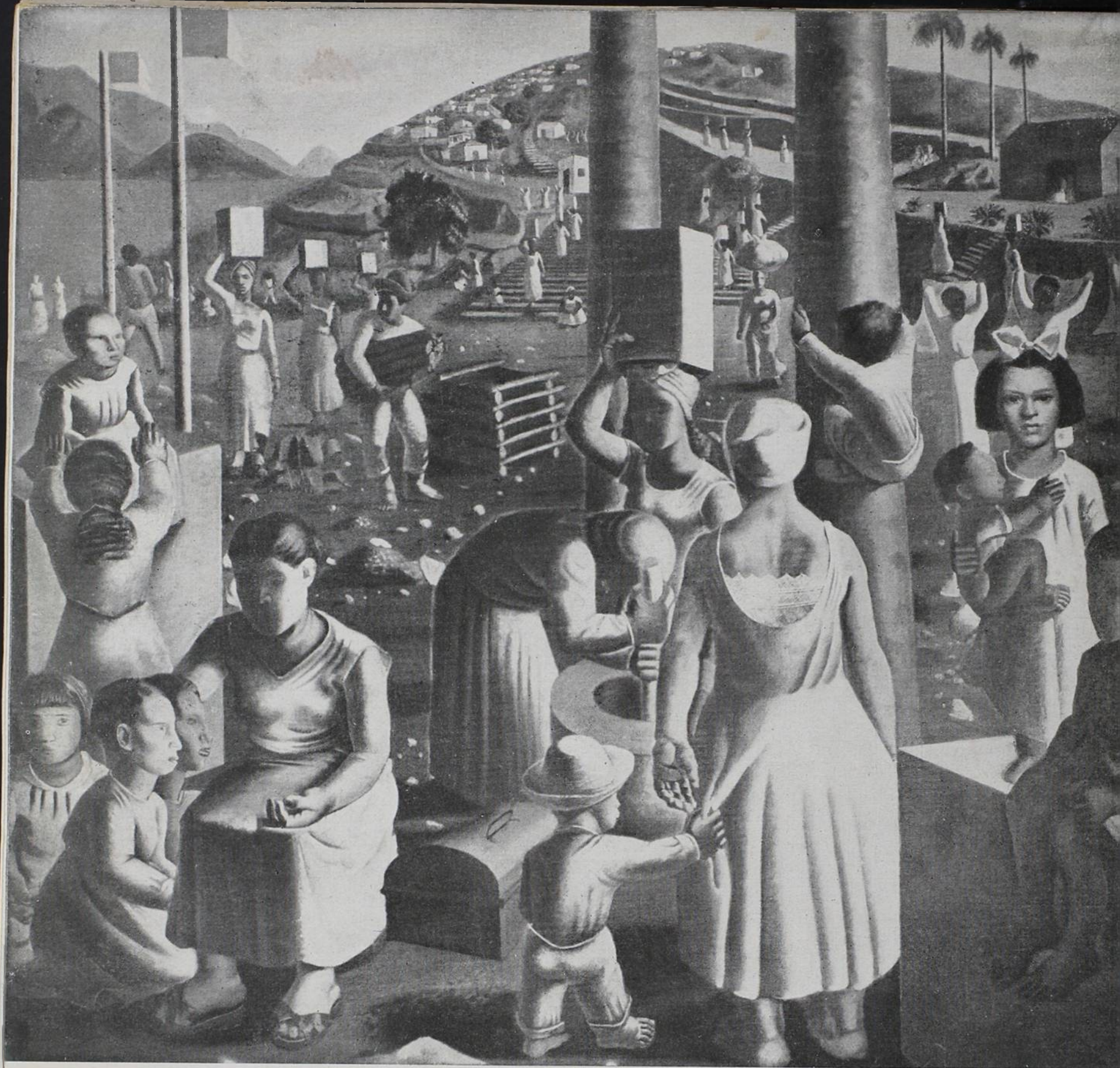


"Café"

Premiado na Exposição Internacional de Pintura do Instituto Carnegie com a 2.^a menção de 1935



Morro
(*Museum of Modern Art, New York*)



"São João"



"Jangada", decoração do Pavilhão Brasileiro na Feira Internacional de Nova York



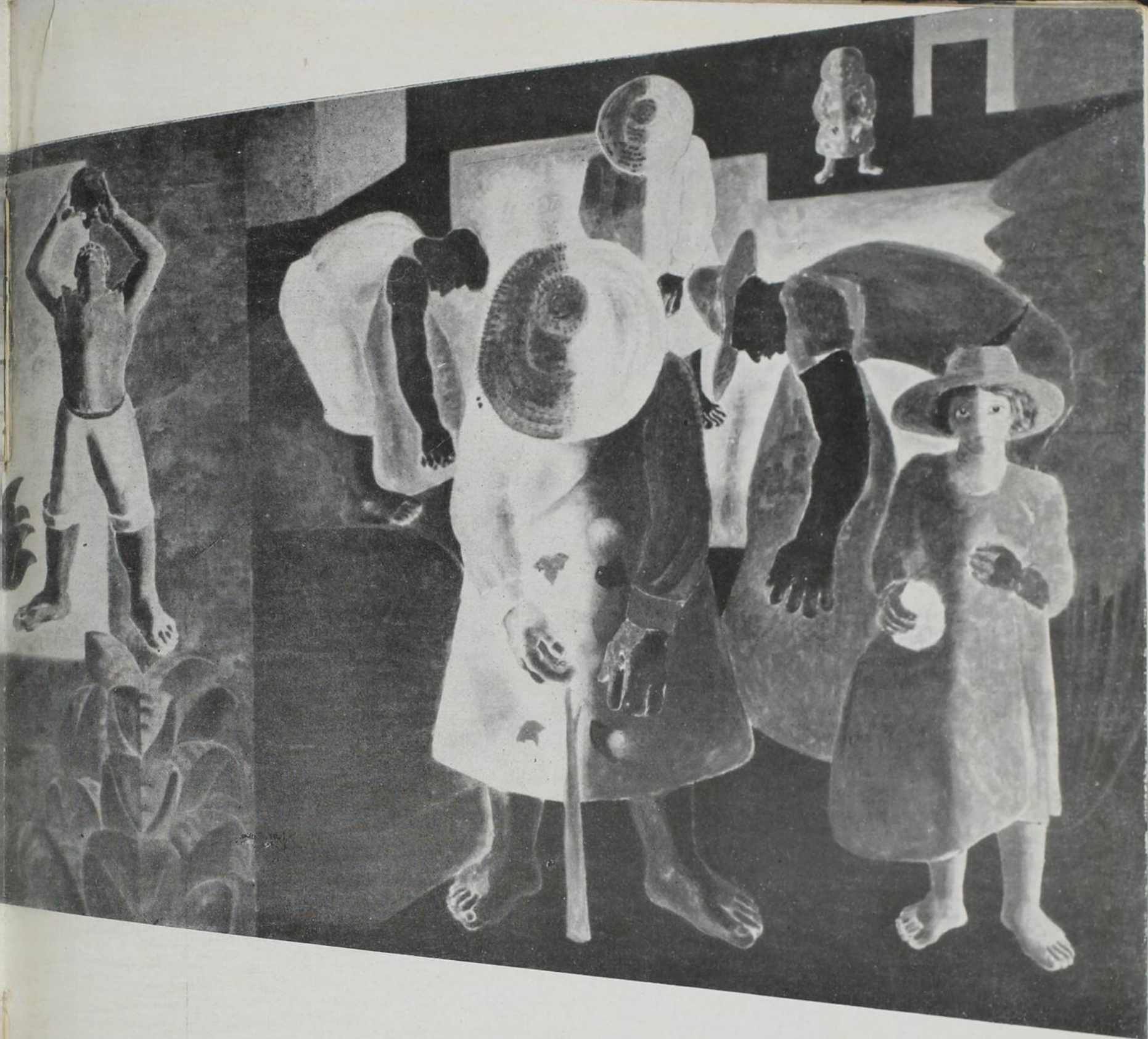
"Figura e boizinho"



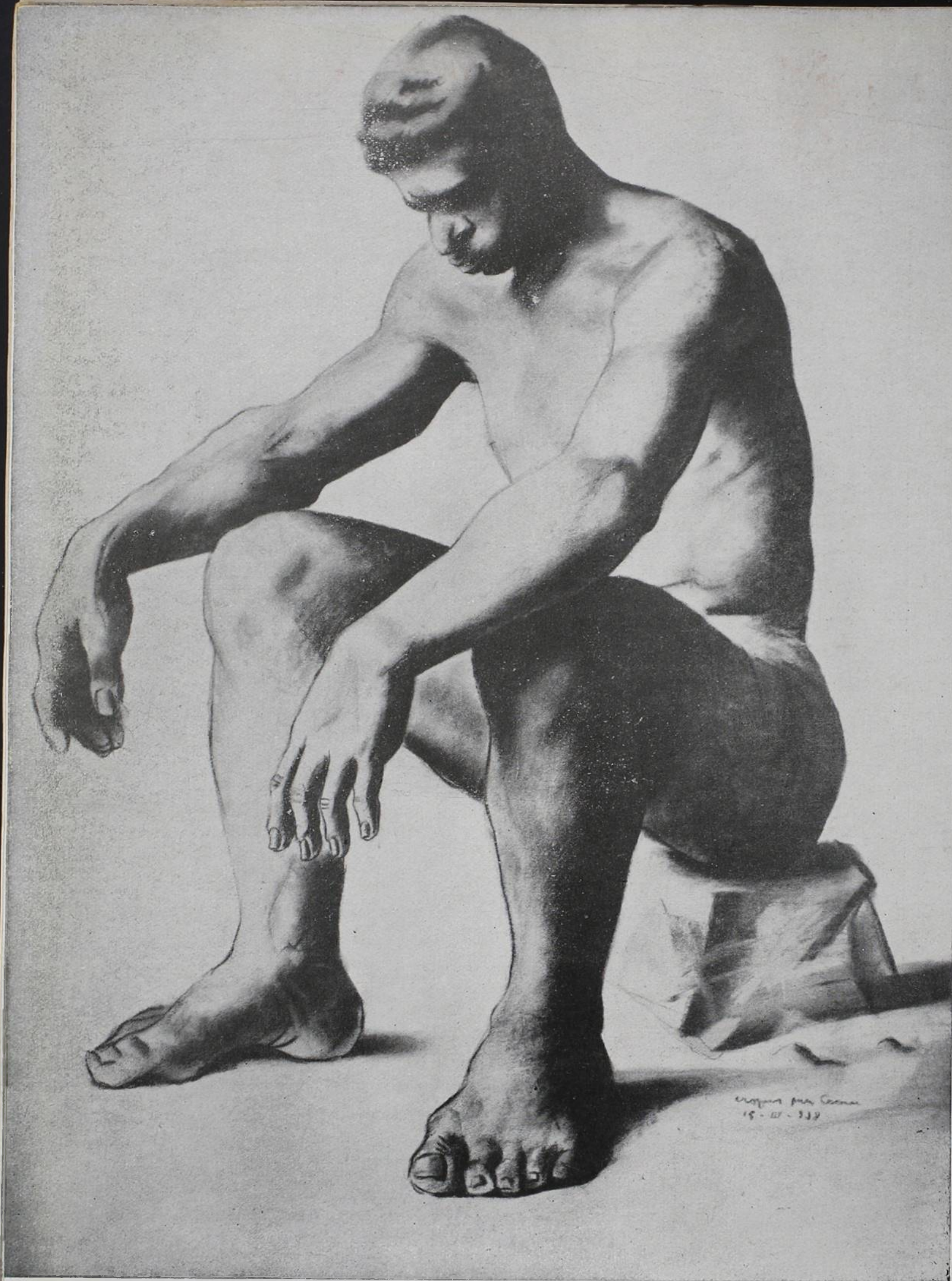
Composição



Conjunto dos afrescos do salão de audi



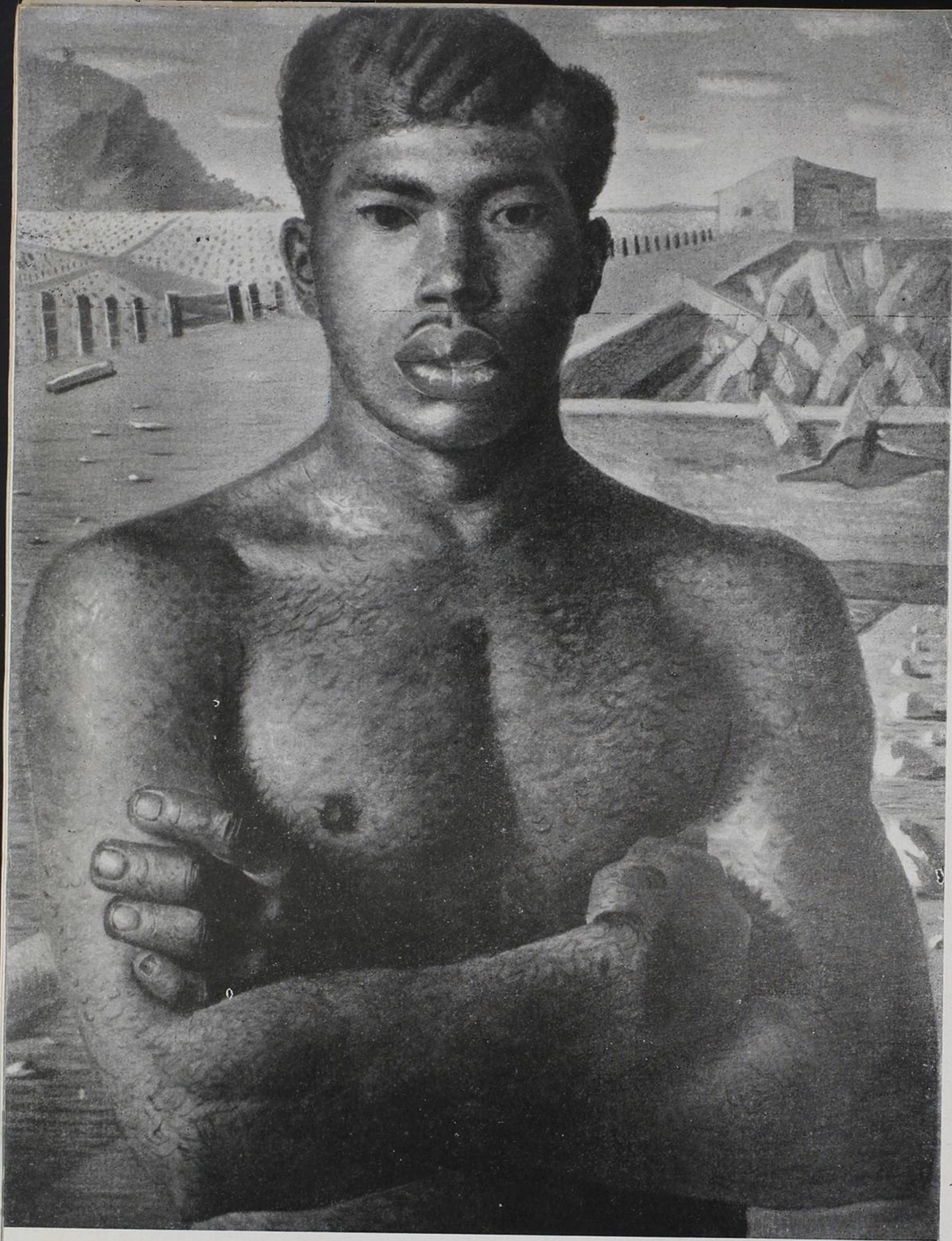
ências do edifício do Ministério da Educação



Desenho para os afrescos do Ministério da Educação



"Fumo"



"Mestiço" — Pinacoteca de São Paulo

NEW YORK WORLD — TELEGRAM

Outubro 1935

por Emily Genauer

Portinari's "Coffee", a large canvas which is strongly mural in feeling, is not only best in the Brazilian group, but, in the opinion of this observer, one of the finest works in the 265 in the show. It is extraordinarily well composed, with each of the thirty or more figures skilfully placed in an orderly, coherent arrangement, yet each an individual portrait invested with life, strength and character.

PITTSBURGH POST - GAZETTE

Outubro 1935

por Meyric R. Rogers, diretor do
Museu de St. Louis.

Portinari deserves well of his country for bringing it international honour in art so promptly. This is the first year Brazil has been repre-

sented in a Carnegie International, and the prize-winning painting "Coffee" is as characteristic as a painting may be. Portinari is probably the most cosmopolitan of all the prize winners, so far as the international character of his training and exhibiting of work is concerned

PHILADELPHIA RECORD

Outubro 1935

por Dorothy Grafly

Notable South American.

Far more interest attaches to the second mention canvas, a highly original decoration of workers in a coffee plantation by Cândido Portinari, of Brazil, the one South American painter exhibiting whose work shows individuality.

PITTSBURGH SUN-TELEGRAPH

por Dorothy Kantner

Cândido Portinari, the Brazilian, who won second honorable mention, knows the value of distortion for decorative effect. His prize-winning "Coffee" has excellent design and is rich in brown and soft

gray-green tones. The coffee pickers have been wilfully distorted, but the effect adds strength to the painting. It would make an interesting mural.

DEBUT IN INTERNATIONAL

Portinari was born at São Paulo, Brazil, in 1903, and has painted since he was 8 years old. He studied in the School of Fine Arts in Rio de Janeiro and in France and Italy. He was recently appointed professor of art at the university in Rio de Janeiro. His debut in a Carnegie International proves auspicious both for himself and his country.

PITTSBURGH POST-GAZETTE

October 1935

por Meyric R. Rogers

Crítico de arte do Post-Gazette e diretor do Museu de
St. Louis

Brazil being rescued from obscurity by Portinari's "Coffee", which is a satisfactory effort to say something with distinct flavor not based on Paris models.

PITTSBURGH SUN-TELEGRAPH

por **Dorothy Kantner**

OUTSTANDING CANVAS

"Coffee" by Cândido Portinari, is the outstanding Brazilian entry.

THE BULLETIN INDEX

Second (\$300), Brazilian Cândido Portinari's Coffee, a decorative plantation scene by an artist who deserves praise for making both his own and his country's International debut so auspicious.

THE CARNEGIE MAGAZINE

por **Homer Saint-Gaudens**

Diretor de Belas Artes do Instituto Carnegie

A portion of the public, therefore, has decided that it may use its eyes in an increasingly discriminating manner to gaze upon canvases like the one by the Brazilian, Cândido Portinari, which won an honorable mention, paintings that insist on contrast, put emphasis on bold design, revel in the use of color, and seek a novel interpretation of this novel world.

NEW YORK TIMES

Outubro 1935

por Edward Alden Jewell

To Cândido Portinari, born in 1903 at São Paulo, Brazil, the jury has voted the second honorable mention. This artist's work has never before been exhibited in the United States, although he is described as "an outstanding figure in the Brazilian modern art world", and was recently appointed professor of art at the university in Rio de Janeiro. The canvas sent to Pittsburgh is an accomplished posterized pattern called "Coffee".

BULLETIN OF THE PAN AMERICAN UNION

September 1939

por Robert C. Smith

For its pavilion at the World's Fair the Brazilian government commissioned Cândido Portinari to paint three murals representing different regions of the nation. The artist, who is at the present time completing a monumental series of frescoes involving the regional occupations of Brazil for the new building of the Ministry of Education and Health in Rio de Janeiro, can claim the title of the Brazilian Diego

Rivera. Born in the state of São Paulo in 1903, he has only recently turned to the fresco medium and the indigenous subject matter of the Mexican master. His peculiarly powerful style and vigorous mannerisms are especially adapted to monumental productions. He seems now to be one of the outstanding painters of the Americas and if his influence continues to grow he will undoubtedly produce in Brazil a movement comparable to the Mexican Renaissance.

Portinari's drawing is distorted for dramatic effect. Rivera's backgrounds are naturalistic, based on perspective. Portinari prefers to discard perspective in order to create a more lively pattern. Rivera's color is distinguished for its warmth of tone; Portinari's palette is based on the coolest blues, greens, whites and shimmering blacks. Throughout the frescoes one is aware of an overpowering movement, heightened by an arbitrary chiaroscuro, expressive of a great country in process of development. In the Pernambucan mural it is the life of the fishermen at that Portinari depicts. The wind sweeps through the sails of a crude wooden raft, a jangada, while two men vigorously direct the course of the craft and a woman hauls up a net. The composition is rounded off by two other jangadas carrying female passengers of heroic proportion. In the third fresco we see a scene from the gaucho life of the extreme south of Brazil. Here again the stalwart figures of the cowboys and their simple gestures introduce the monumental note of the picture. Yet Portinari has balanced force with grace in the delicately drawn horse at full gallop in the background, the expressive coiled rope in the lower left hand corner, and the lariat attached to a high post. These are heroic figures, huge of feet and hands, bulging of muscles, direct of gesture and speech, epic of action. There is no

subtlety about them ; they stand out as simple people should, forceful and direct. The variety of Portinari's style is illustrated by his painting Morro at the exhibition Art in Our Time at the Museum of Modern Art. The painter's work was first seen in this country when he exhibited his Coffee at the Carnegie International in Pittsburg in 1935, at which he won a second honorable mention. It is high time that he be given a comprehensive exhibition in this country.

NEW YORK TIMES

Outubro 20, 1935

por Edward Alden Jewell

The second honorable mention, Cândido Portinari's "Coffee", is a clever piece of formalized painting.

THE STUDIO

(Inglaterra) — Fevereiro 1936

por Gilbert Ryder

The jury of award, once more made up solely of artists, was sufficiently attracted by the young Brazilian Cândido Portinari to award

his Coffee the Second Honourable Mention. This fact may serve as encouragement to those countries hitherto without representation.

TIME

Junho 12, 1939

That a native art of considerable vigor is budding in Brazil. World's Fair visitors have already learned from murals in the Brazilian pavilion by Rio de Janeiro's popular, roly-poly Cândido Portinari. There was nothing by him in the show.

FORTUNE

Junho 1939

The wheel points with particular pride to the paintings by Cândido Portinari, which illustrate the Brazil story. Portinari is Brazil's foremost painter. When his canvases for this story arrived at the Fortune office, our friends in the Museum of Modern Art got wind of the excitement, and came up for a look. They got excited too, and snatched up one of the pictures, of a Rio morro, for the museum's new show, opening May 11. Portinari's work may also be seen in the Brazilian Pavilion at the New York World's Fair, for which he has done three panels.

REVUE DES DEUX MONDES

(França) — Outubro 1938

por Claude Eylan

C'est pendant cette halte que j'eus la bonne fortune de rencontrer le grand peintre brésilien Cândido Portinari, dont j'avais déjà admiré les oeuvres remarquables de force et de caractère. Un homme d'Etat de l'Amerique du Nord a dit à son sujet : "Si je voulais laisser mon portrait à la postérité, je me ferais peindre par Portinari de préférence à un Lazlo ou un Malta. Peut-être mes descendants n'auraient-ils pas la reproduction photographique de mes traits, mais ils se diraient en regardant l'oeuvre de Portinari : "Mon aïeul avait de la personnalité, c'était quelqu'un".

DOMUS

(Itália) — Julho 1939

Domus continuamente incita ad un più vasto impiego dell'affresco nell'edilizia pubblica e privata. L'architettura non può ignorare il colore : le grandi pareti saranno più vivamente animate se diventeranno come le grandi pagine di un libro evocativo. I grandi fatti della storia umana, nei suoi momenti d'eccezione e nelle ore del suo continuo lavoro, trovino, in pittori capaci di aprire il loro spirito ad una emozione sempre più profonda la loro alta celebrazione. Domus spesso richiama all'atten-

zione di questo problema ed è sempre lieta di offrire convincenti documentazioni di quanto via via avviene che si attualizza.

Questa serie d'affreschi è volta ad illustrare il lavoro della terra. Il pittore ha evitato di cadere in un semplice commento fiabesco e idillico. Si sente che è un lavoro grave: ma la sua gravità s'accorda col ritmo grave della vita della natura.

CLARTÉ

(Belgica) — Junho 1939

por Carlos Washington Aliseris

Quand le paquebot remonta l'Atlantique vers le Brésil, je commençai à comprendre, en apercevant les premières côtes, que ce pays m'attendait avec des grandes émotions.

De celles-ci je veux aujourd'hui détacher une impression sous la forme d'un aspect de l'oeuvre du grand peintre brésilien Portinari. Ce sont ses portraits, ses paysages folkloriques, ses compositions intellectuelles, ses grandes créations murales pour les fresques du Ministère de l'Instruction Publique de Rio de Janeiro, c'est tout cela que m'a poussé à tâcher de présenter à mes lecteurs, cette vision de Portinari.

Ses portraits sobres, d'une technique soignée, d'une belle matière et d'un dessin serein et puissant tendent à cette profondeur psychologique, qui lui assigne tant de prestige. Ses paysages folkloriques, que j'appelle ainsi parcequ'ils montrent le sens même de la lutte de l'homme avec sa terre d'origine, sont des oeuvres pleines de sagesse, de finesse,

d'humanité. La chose plastique unie indissolublement à la chose humaine, pathétique. L'anéantissement de l'être dans les petites luttes sans transcendance, s'exprime là, ainsi que la démonstration de la force rude mise au service de la terre, avec la seule récompense de : Tu gagneras ton pain à la sueur de ton front...

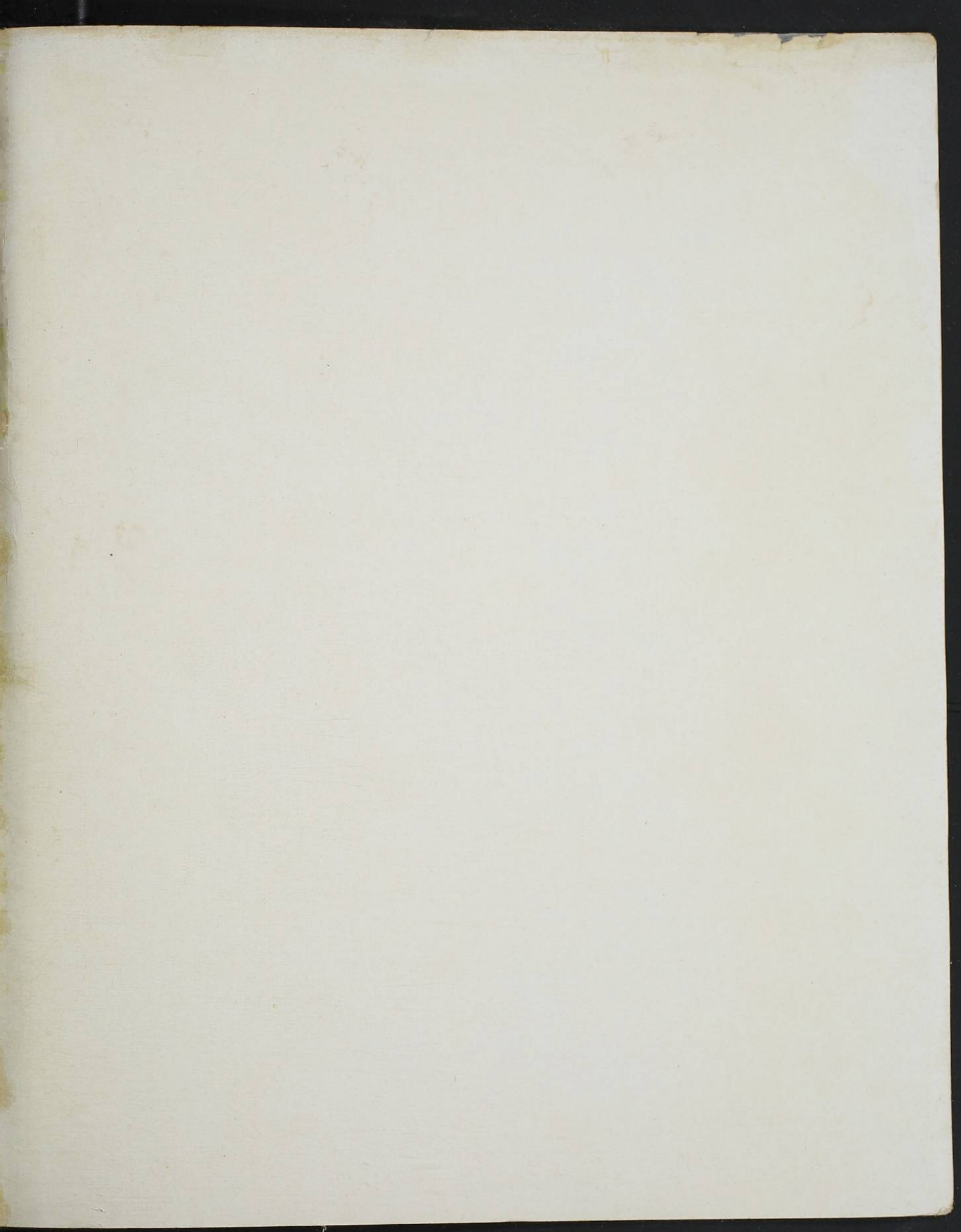
C'est que Portinari est avant tout un artiste, un être sensible à tout ce qui est légitime et permanent, à tout ce que doit subsister : la représentation de l'homme dans son aspect fondamental, le Travail.

Ses compositions intellectuelles pour ainsi les nommer, le mettent en valeur pour les exigences d'ordre cérébral qu'on pourrait réclamer à l'homme plus calé de l'heure actuelle, de manière que le charme de ses rythmes la beauté des couleurs et le raffinement de sa pensée, font de lui un élément distingué et prépondérant.

Ses grandes fresques commandées par M. le Ministre de l'Instruction Publique du Brésil pour décorer les murs de son nouveau palais, mettent en évidence définitive sa puissance, déjà révélée par son oeuvre antérieure et qui s'éclaircit dans un chef-d'oeuvre de grande composition et de synthèse, auquel seul le temps assurera le grand mérite qu'elle possède.

Les missions de Jésuites apprenant à lire et à chanter aux Indiens, les rudes travaux de la récolte du café, l'acharnement des chercheurs, d'or, l'accaparante besogne de la culture du tabac... et toutes les besognes de l'homme même, composées, ordonnées, sont devenues peinture, pensée, composition vécue par un homme qui a le sens de la couleur dans un ordre spirituel d'idées, qui le rapproche de tous les êtres de l'univers, par la seule raison de son vrai caractère d'artiste, par l'imminente force indestructible de l'homme de bien...

001645



SERVIÇO GRÁFICO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO